

Os jovens e adultos enquanto sujeitos de aprendizagem: estratégias para a sala de aula

Como observamos no vídeo, mesmo sem recorrer a aprendizados valorizados na trajetória escolar, as pessoas que possuem menor escolaridade desenvolvem aprendizagens com base nas suas experiências profissionais e pessoais ao longo da sua trajetória de vida. Nesse sentido, pode-se afirmar que são possuidoras de saberes diversos que podem também estar ancorados nas tradições familiares e da própria comunidade. Podemos definir que existe uma aprendizagem que se dá por meio da escola e outro que ocorre com base na experiência.

Assim, quando estas pessoas retomam os estudos, é fundamental reconhecer que estamos lidando com pessoas que possuem ricos conhecimentos que precisam ser considerados para o desenvolvimento de um trabalho escolar nas várias áreas do conhecimento. Por quê?

A pesquisadora portuguesa Carmen Cavaco, explica que:

“A reduzida participação dos adultos na modalidade de educação formal contribui para fortalecer a hipótese de que “[...] as actividades quotidianas do trabalho, lazer e vida social apesar de não terem propriamente uma finalidade educativa explícita são fontes de aprendizagem” (Pain, 1990), experiencial muito importantes, caso contrário as pessoas não estariam em condições de fazer face às exigências sociais, profissionais e familiares. (...) Aprende-se por ensaio e erro, repetição e imitação. (...) Para algumas dessas pessoas a formação experiencial é a única via de acesso ao conhecimento e a experiência é transformada no instrumento mais importante de sobrevivência e de acção. Ou seja, a experiência é fundamental na aprendizagem de todos, mas ocupa um lugar ainda mais relevante, tornando-se mesmo imprescindível, junto das pessoas que, por diversas razões, registaram dificuldades ou impossibilidade de acesso à educação formal. A formação experiencial funciona nestes casos de uma forma compensatória, sabendo-se que “[...] os adultos que têm fortes lacunas escolares, dispõem, por vezes, de experiências profissionais e sociais muito ricas” (Dominicé, 1989, p. 64). A situação excepcional em que vivem os adultos não escolarizados leva-nos a dizer que constituem sujeitos privilegiados para o estudo da formação experiencial, pois os saberes que possuem são unicamente resultantes da sua experiência de vida.” P.956-957.

A autora entrevistou um conjunto de pessoas adultas não escolarizadas e concluiu que apesar de não terem ido à escola tinham adquirido vários conhecimentos no âmbito familiar e profissional. Muitos sabiam ler e escrever, conheciam números, sabiam ler gráficos, fazer cálculo mental e até mesmo conversação básica em língua estrangeira. Conforme ela:

“Os adultos entrevistados apresentam um conjunto de saberes que são essenciais para assegurar a sua autonomia na vida quotidiana. Entre estes saberes destacam-se: situar-se no tempo de modo a identificar os dias, os meses do ano, as estações, embora não o façam através da interpretação do calendário, telefonar, ver as horas, usar os electrodomésticos, interpretar as facturas da electricidade e do telefone, conduzir, usar o dinheiro em Portugal e estrangeiro, fazer câmbios. O cálculo mental é um saber apresentado por todos os entrevistados, domínio onde não chegou a ocorrer regressão ao longo do tempo, o que se deve ao uso frequente deste saber no seu dia-a-dia. Os adultos revelaram uma grande capacidade de cálculo mental e, em alguns casos, uma rapidez notável na realização de contas. Através do seu discurso percebe-se a importância que atribuíram desde crianças à realização do cálculo mental, o que está, em grande medida, associado a um domínio da vida directamente ligado à sobrevivência.”

Ao concluir a pesquisa, Cavaco afirma que:

“Os adultos não escolarizados, contrariamente, ao que habitualmente se divulga são possuidores de uma grande diversidade de saberes e apresentam uma enorme capacidade de aprendizagem, o que é fundamental para a sua vida em sociedade.”